

A ODISSÉIA DA TRADUÇÃO: FILME X ENSINO DE LITERATURA

THE ODYSSEY OF TRANSLATION: FILM X TEACHING LITERATURE

LA ODISEA DE LA TRADUCCIÓN: CINE X ENSEÑANZA DE LA LITERATURA

*Nathalia Flores SOARES**
*Edgar César NOLASCO***

Resumo: As relações entre cinema e literatura, ainda que pensadas de diferentes formas, são também uma maneira de linguagem literária. Antes das teorias semiológicas as relações entre a nova arte e a literatura eram entendidas de maneira diferente e analisadas separadamente, o conceito contemporâneo de intermodalidade veio para modificar tal fato e propor uma possibilidade de relacionar as duas coisas dentro do universo literário. O presente artigo vem para desconstruir os limites propostos por antigos teóricos entre textos fílmicos e literários com base na análise linguística. E de como a adaptação fílmica pode ser utilizada como instrumento no ensino de literatura, na construção do saber e na produção de um aluno crítico.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Linguística; Adaptação; Semiótica.

Abstract: The relations between cinema and literature, although thought in different ways, are also a way of literary language. Before the semiological theories between the new art and literature were understood differently and analyzed separately, the contemporary concept of intermodality came to modify this fact and propose a possibility of relating the two things within the literary universe. The present article comes to deconstruct the limits proposed by ancient theorists between filmic and literary texts. And how film adaptation can be used as an instrument in literature teaching, in the construction of knowledge and in the production of a critical student.

Keywords: Literature; Cinema; Linguistics; Adaptation; Semiotics.

* Graduanda em Letras Licenciatura Habilitação Português/Espanhol e suas Literaturas pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Integrante do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) orientado pelo professor Dr. Edgar César Nolasco. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Estudos Culturais, Crítica Biográfica, Literatura Comparada, Literatura Brasileira e Estudos pós-coloniais. Contato: nathalia.f.soares@hotmail.com.

** Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação nível Mestrado e Doutorado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: necc.necc.2009@gmail.com.

Resume: La relación entre cine y literatura, aunque pensada de manera diferente formas, son también una forma de lenguaje literario antes de las teorías. Las relaciones semiológicas entre el nuevo arte y la literatura se entendieron desde de manera diferente y analizado por separado, el concepto contemporáneo de La intermodalidad vino a modificar este hecho y proponer una posibilidad de relacionar ambos dentro del universo literario. Este artículo viene a deconstruir el límites propuestos por los teóricos antiguos entre los textos cinematográficos y literarios basados en análisis lingüístico. ¿Y cómo se puede utilizar la adaptación cinematográfica como instrumento en la enseñanza de la literatura, en la construcción del conocimiento y en la producción de un alumno crítico

Palabras clave: Literatura; Cine; Lingüística; Adaptación; Semiótica.

Introdução

As discussões que giram acerca da tradução de uma grande obra literária adaptada ao cinema, perpetuam desde o século XX, há várias divergências teóricas no processo de aceitação do cinema como uma forma de linguagem, que pode ser usada para representar, traduzir e adaptar textos do cânone literário. A literatura e o cinema são duas formas artísticas e de expressão que se completam em sua formação. O próprio roteiro do filme é um formato literário adaptado para as filmagens posteriormente.

Este trabalho foi escrito com enfoque nos debates sobre como o uso do cinema e a aceitação deste como um meio de linguagem, além de mostrar como este recurso funcionaria no contexto da tradução, trazendo tais fatos para uma abordagem da análise linguística e discursiva do tema, buscamos resultados através de pesquisas em diferentes linhas teóricas, com a finalidade de demonstrar o texto fílmico como uma adaptação inserida no mundo da linguística e de como isso pode auxiliar o professor no ensino de Literatura em sala de aula, bem como, a capacidade da mesma de produzir um aluno crítico e capaz de dissertar sobre variados assuntos de sua vivência.

Os termos que permearam esta pesquisa estão ligados ao fato de que, a ideia de linguagem se constitui a partir da interação por parte dos falantes e em ocasiões que a comunicação se faz necessária. Pensando também no processo organizacional do discurso, atrelado à produção da linguagem analisaremos o conceito de tradução de forma geral e de como seria possível atrair a atenção dos alunos neste processo de tradução de grandes livros literários.

A forma metodológica deste estudo se baseia na análise linguística, na explicitação do conceito de tradução, atrelados a construção de sentido do texto fílmico, tentando assim buscar uma justificativa que os insira no mundo das linguagens e de como tratar do assunto na contemporaneidade e aceita-lo como pressuposto válido dentro da Literatura.

O conceito de tradução, a tradução fílmica e a aceitação do gênero

O uso da tradução se faz necessário quando dois povos precisam comunicar-se, na antiguidade antes da difusão da escrita, existiam intérpretes que faziam esse trabalho, já nas comunidades letradas o conceito de tradução passou a ser definido como uma forma de converter um texto escrito de uma língua para outras. A prática de traduzir está sendo utilizada no contexto social desde os tempos romanos, e ganhou várias críticas desde então.

Sempre houve uma dúvida e um sentido pejorativo sobre o ato de traduzir, ela já foi considerada “fiel ou livre”, “certa ou errada”, isso acontecia porque existia uma necessidade que a tradução de grandes obras pudesse ser verdadeira. Até os dias de hoje, a tradução é julgada por seguir ou não a fiel representação da obra original, porém, com o advento do pós-estruturalismo e da pós-modernidade, o conceito de tradução foi considerado como uma forma de transformação.

André Lefevere um importante teórico belga, considera o papel dos agentes envolvidos no processo de elaboração e recepção de reescrituras, como por exemplo revisores, editores, críticos, se tornam responsáveis pelo controle do sistema literário. Assim, ele afirma: “Reescritura é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade” (LEFEVERE, 2007, p. 11). Nesse sentido, ela pode introduzir novos conceitos, novos gêneros, entre outros elementos na cultura de chegada, sobretudo, no sistema literário, concretizando a ideia de transformação.

A tradução como transformação de um texto, se dá a partir do momento em que a mesma, não é mais considerada como uma cópia mimética do original, mas sim voltada para os leitores e serve de meio comunicacional. O que garante que essa transformação

aconteça é a cultura dos leitores, o meio em que eles vivem e se o discurso traduzido adapta-se ou não em sua vivência.

O que nos é pertinente de análise neste trabalho, parte da tradução na forma de texto fílmico, já foi mencionado que várias discussões giram em torno da aceitação deste como uma forma de tradução/adaptação do texto literário, pensado nisso, analisaremos a obra de George Bluestone renomado crítico norte-americano, a respeito do conceito de tradução, para ele o texto literário e o cinematográfico fazem parte de universos totalmente diferentes, ele valoriza o literal em detrimento do fílmico, em sua obra *Novels into film: the metamorphosis of fiction into cinema*, d  a seguinte declaração a respeito do trabalho do cineasta enquanto tradutor “ se constitui não somente como tradutor de autor literário, mas autor de texto novo” (BLUESTONE, 1957, p. 62)

Por mais que Bluestone não considere de fato o cinema como forma de linguagem, percebemos que em sua afirmação ele nos diz que o cineasta cria um novo texto, por conta que utiliza de um outro meio, pertencente a outro tempo e a outro espaço, o “leitor” ou espectador da tradução fílmica de um texto, se diverge no intervalo de espaço, as releituras desse público podem ser infinitamente diferentes ou até mesmo mais ricas.

Pensando nessa mudança do leitor devido ao tempo em que ele está inserido, nos últimos anos um tema vem sendo constituído dentro dos estudos literários e cinematográficos, a dos estudos de m dia, nessa conjuntura a Literatura e o cinema ocupam espaços que podem ser compartilhados dentro da análise textual, pensando no contexto de interm dia, a tradução neste caso ocuparia um espaço dentre variados corpus das práticas culturais.

Dentro desta possibilidade, podemos pensar que o cinema se constata como uma linguagem desde que os meios expressivos puderem ser considerados formas de textos também, na época que findava os anos sessenta, juntamente com o advento do pós-estruturalismo, o teórico e semiólogo Christian Metz formulou postulados que se tratam da natureza do processo cinematográfico como tradução:

O cinema não é uma *língua*, sem dúvida nenhuma, mas pode ser considerado como uma *linguagem*, na medida em que ordena elementos significativos no seio de combinações reguladas, diferentes daquelas praticadas pelos idiomas e que tampouco decalcam a realidade. Assim, sendo uma linguagem, permite uma *escrita*, isto é, o *texto fílmico* (METZ, [1971]1980, p. 338.)

A declaração de Metz causou um alvoroço dentre a crítica da época, pois teóricos como Peter Wollen pensaram na tradução semiótica e no problema que que seria traduzir o signo estético entre língua e linguagem. Wollen afirma o seguinte ao que se refere a linguagem do cinema em vista das outras linguagens:

[...] a linguagem ou a semiótica do cinema compreende, assim como a linguagem verbal, não só o indexal e o icônico, mas também o simbólico. Na verdade, tendo em consideração as origens do cinema, marcadamente mistas e impuras, seria espantoso que fosse de outro modo. O cinema não só se desenvolveu tecnicamente a partir da lanterna mágica, do daguerreotipo e outros instrumentos semelhantes – a sua história do realismo –, mas também a partir da banda desenhada, dos espetáculos do *Wild West*, dos autômatos, dos romances de cordel, dos melodramas, da magia – a sua história de narrativa e do maravilhoso (WOLLEN, 1984, p. 153).

Tais afirmações facilitaram na construção do entendimento do texto fílmico em relação com a linguística e a Literatura, o que contribui como um diferente olhar do homem sob o mundo a partir da capacidade narratológica possibilitada através do cinema. Após debates e formulação de teorias o cinema foi finalmente aceito como uma forma de tradução e de linguagem, por estar inserido em um contexto intertextual e intermediático, ou seja, quando o cineasta reescreve a realidade á partir da linguagem do cinema, ele possibilita a criação de sentido por meio das leituras de quem o assiste, o que é o mesmo ofício da linguagem escrita.

Pier Paolo Pasolini, renomado cineasta Italiano, se refere á linguagem do cinema como sendo: “língua escrita da realidade” (1980, p. 186). Conclui-se então que tanto a realidade de uma obra reescrita pelas lentes do cineasta, quanto a realidade presente na obra escrita do autor, são maneiras que devem ser aceitas como formas discursivas,

pois abrange um número maior de esferas da sociedade e pode ser entendida como conhecimento á partir da interpretação de seu público.

Análise linguística, a crise da literatura e o contexto em sala de aula

Pensando nas várias alternativas de se ensinar literatura, na tradução desta para um texto fílmico, a análise linguística contribui em muito neste processo, pois vai funcionar como um meio de inovação nas perspectivas do estudo linguístico, levando em consideração os novos meios discursivos, além de tudo, vem para refletir sobre as novas leituras dentro e fora do contexto escolar.

Discutiremos então, a análise linguística no ensino da Literatura, com base na tradução semiótica em forma de filmes, com base no contexto moderno chamado por Roxane Rojo de “multiletramentos” ela define tal nomenclatura como: “Conjunto muito diversificado de práticas sociais situadas que envolvem sistemas de signo, como a escrita ou outras modalidades de linguagem, para gerar sentidos” (ROJO, 2009, p. 10).

Há muito se ouve falar que a Literatura ou a teoria da Literatura se encontra em uma suposta crise, autores como Fábio Durão já dissertaram sobre o tema, afirmando que os tempos mudaram, os leitores mudaram e é imprescindível que o ensino de Literatura mude também, dentro da análise linguística atrelado ao conceito de multiletramentos, pensemos então em um meio do professor em seu ofício ensinar o alunado de maneira descontraída sobre o que vem a ser a Literatura, e aceitar suas leituras de mundo, adaptando-se a sua bagagem cultural.

Embora a Teoria hoje ainda ocasionalmente lide com obras ficcionais, isto já não é mais imprescindível: seu escopo de atuação confunde-se com o das práticas significantes e suas metodologias são variadas, o que faz com que não mais respeite as divisões disciplinares usuais das ciências humanas. Essa promessa de liberdade, no entanto, sempre encontrou empecilhos consideráveis, e a Teoria desde seu nascimento esteve sob o signo da crise, tanto seu resultado como resposta a ela (DURÃO, 2016, p. 14).

Durão, ao analisar o estado atual da teoria, retorna ao lugar de sua origem, colocando-a, sob a égide da crise e assinalando que nesse caso a enunciação da morte da teoria seria “na realidade uma estratégia de sobrevivência, porque um de seus procedimentos de perpetuação tem sido o de uma disjunção interna, da geração de um outro a partir de si, uma exterioridade que no fim se mostra interior” (DURÃO, 2016, p.16). Dessa maneira, a teoria, ao narrar a ideia do seu próprio fim, renasce, chamando seus partícipes para o delineamento de novas alternativas para o futuro.

Os estudos literários deveriam recusar o lugar subalterno que a teoria os legou, reafirmando a sua capacidade de teorizar seus próprios objetos de estudo e de promover inter-relações interdisciplinares com outros meio de linguagem. O professor irlandês Peter Barry em seu ensaio, “*Os fins da teoria*”, cita um poema do poeta Patrick Kavanagh, do qual retira a metáfora da névoa como objeto de argumentação a favor de uma possível relação entre texto literário e teoria, onde um não estaria em detrimento do outro, mas em trabalho conjunto de problematização.

A boa névoa é o começo do começo, o momento, em termos de concepção de uma ideia, em que não sabemos bem qual será o nosso problema. Na teoria literária, a névoa é o momento em que você tem uma primeira ideia sobre um texto e começa a teorizar. Assim, quando a teoria encontra o texto, o que buscamos não é uma reelaboração convicta do texto a partir da lâmina implacável da teoria; antes, o que procuramos é uma forma provisória de tatear pela névoa - o que significa aceitar o quão incerto pode ser o encontro entre teoria e texto. [...] Dessa forma, não peço a meus alunos que apliquem a teoria aos textos, pois fazê-lo significa dizer que a teoria é um objeto pronto e acabado, que tem de ser apenas colocado para funcionar no texto. Em vez disso, peço que os alunos usem a teoria com os textos literários, o que implica uma justaposição equilibrada, em que a teoria tem as perguntas, mas não as respostas (BARRY, 2016, p. 70).

Nesse sentido, o intelectual propõe aos professores que parem de ensinar teoria e ensinem teorização. A diferença chave dessas duas práticas está no fato de que a teorização consiste em uma maneira de

não fechar o texto em verdades teóricas, mas consiste na sua abertura por meio da justaposição entre fragmentos teóricos e literários, na qual as ideias se complementam e entram em estado de experiência, de diálogo intelectual.

Primeiramente é preciso pensar no contexto da Literatura na escola e sua função, antes de atrelarmos a mesma ao cinema, atualmente, foi publicado um novo PCN, no qual se discute os princípios norteadores do ensino literário no ensino básico.

A ausência de referências sobre o campo da literatura e a pouca experiência de leitura – não só de textos literários como de textos que falem da Literatura – fazem com que os leitores se deixem orientar, sobretudo, por seus desejos imediatos que surgem com a velocidade de um olhar sobre um título sugestivo ou sobre uma capa atraente. (PCN, p. 61).

Tal citação vem para alertar sobre as novas formas de leituras que têm sido feitas nas últimas épocas, o que é fator contribuinte para o declínio do ensino da Literatura e para a crise, pois, na contemporaneidade o que motiva os leitores ao comprarem um livro, em grande parte dos casos, tem sido o que o livro (objeto) tem a oferecer em sua forma est  tica; isto é, a escolha não é baseada em uma série de especificidades como, g  nero, enredo; se    um livro considerado um clássico ou se    um contempor  neo ou recém-publicado.

Atualmente as discussões sobre o desmantelamento da disciplina Literatura têm tomado uma grande proporção na sociedade, pois ao olharmos somente para o texto literário como um objeto e deixarmos de lado sua capacidade de exercer a criticidade nos alunos e fazê-los repensar questões emergentes na sociedade a literatura vai perdendo seu caráter educacional.

O problema acerca da Literatura quanto marketing gira em torno de que o alunado não foi apresentado aos novos leques de possibilidades, onde ele pode escolher as opções de como começar a criar sua própria lista de leituras.    papel de o professor desenvolver metodologias que englobem o ensino da literatura e de suas variedades, incitando a reflexão crítica e teórica por meio das leituras, o aluno deve participar avidamente no diálogo, acerca de um dos

problemas da mediação do ensino de literatura em sala de aula, as autoras Célia Regina Delácio Fernandes e Maisa Barbosa da Silva Cordeiro, argumentam:

Meio século depois, no entanto, as experiências cotidianas ainda mostram que, muitas vezes, o trabalho com a leitura na escola busca abstrair de um texto literário questões que servem mais para comprovar se o aluno realmente leu do que para levá-lo a refletir sobre a leitura. Não bastassem as dificuldades da própria escola em relação a isso, os livros didáticos as acentuam ainda mais quando trabalham apenas com fragmentos de obras literárias e, na sequência, uma série de atividades superficiais (FERNANDES; CORDEIRO, 2013, p. 194).

Portanto, a escola se constitui como espaço formal em que o leitor toma consciência do ato de ler. Por meio do auxílio do professor, propõe ao leitor indicações de variados texto literários, mas principalmente do que se poderia chamar de “os clássicos da Literatura”, que são definidos por Calvino (1997, p. 10-11) da seguinte maneira: “livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando se como inconsciente coletivo ou individual”.

A problemática central em relação ao ensino de literatura em sala de aula esta diretamente ligada ao pouco diálogo entre professor/aluno, fazendo com que as partes somente leiam o texto com enfoque em seu título ou seu caráter canônico, deixando de lado as discussões que este pode suscitar, é de extrema relevância que os alunos aprendam a exercer o processo escritura-leitura no ambiente escolar, visto que a literatura constitui avidamente esse processo:

é preciso ficar claro que a formação de leitores não se atinge somente levando o texto literário para a sala de aula ou o aluno para a biblioteca. Trata-se de um processo longo, não limitado ao espaço escolar e que possibilitará acrescentar novas perspectivas a cada leitura que seja significativa para o leitor. Deve-se destacar que as leituras literárias não são iguais e que cada uma permitirá um aprendizado diferente (FERNANDES; CORDEIRO, 2013, p. 195).

Formar novos leitores críticos é o papel central do educador, existe uma diversidade de meios que podem auxiliar nesse processo, pensando na tradução fílmica, são diversas as adaptações de clássicos para o cinema, o leque de possibilidades se faz maior ainda, em um contexto de multiletramento, o professor deve refletir sobre a variedade de alunos que tem em sua classe, alunos que possuem mais facilidade no texto visual, imagético e oral.

Nesse sentido, os postulados da análise linguística podem ser utilizados para reconhecer a necessidade de formular novas propostas no ensino da literatura, aceitar as novas formas de adaptações e traduções, levar para a vivência do alunado de maneira que tenham fácil acesso, despertando assim o desejo de se estender o diálogo entre aluno e texto literário. Acerca disto, ponderam as professoras: “Assim, ao buscar construir leitores, na sala de aula, que leiam não somente para decifrar o código linguístico, é necessário levar em consideração diversos aspectos que subjazem no texto.” (FERNANDES; CORDEIRO, 2013, p. 196).

Assim, o processo de aprendizagem do texto literário pode voltar-se para a utilização de filmes, em especial as adaptações de obras literárias, à concepção de Cinema e Literatura como discursos estéticos, linguísticos. Portanto, é necessário considerar que o cinema é uma nova linguagem, infinitamente diferente da linguagem verbal. Os campos se divergem da linguagem dos textos literários, porém o discurso permanece.

A concretização do cinema como uma forma de tradução, ajuda a consolidar o princípio da análise linguística, por meio deste recurso, a Literatura pode encontrar uma saída para a crise do desmantelamento, além de auxiliar o professor com a mediação do conteúdo e encontrar uma nova forma didática de despertar o interesse dos alunos sobre sua matéria, incentivando a produção de leitores com um alto poder de criticidade baseado nas discussões proporcionadas pelo texto literário, Perotti (1999) pontua:

Atrair, convencer, interessar, condicionar crianças para os prazeres da leitura, mediante a utilização de técnicas diversas que apelam para variados sentidos, eis o objetivo da formação de *competência*. Na realidade, a *incompetência* não é simplesmente um não-saberfazer. É, antes, um não saber interessar (PERROTI, 1990, p. 77).

Considerações finais: interlúdios teóricos

“Devemos, portanto - em recuo do reino e da glória, na brecha aberta entre passado e futuro -, nos tornar vaga-lumes e, dessa forma, formar novamente uma comunidade do desejo, uma comunidade de lampejos emitidos, de danças apesar de tudo, de pensamentos a transmitir. Dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o não da luz que nos ofusca”.

(DIDI-HUBERMANN)

Interlúdios são conhecidos como trechos que se intercalam entre as partes de uma longa composição poética – músicas ou poemas. Aqui, tendo em vista as relações entre a produção literária e a teoria, presentes na contemporaneidade, onde as formas se mesclam e se hibridizam constantemente, (ensaios e cartas, por exemplo) procuramos no termo um possível entre-lugar para a resenha crítica que nos fora proposta. Retomamos a epigrafe acima para melhor compreendermos essa intenção. Nela o filósofo e historiador de artes George Didi-Huberman¹ nos aproxima da reflexão acerca do lugar da teoria literária, quando fala do espaço que devemos ocupar entre passado e futuro, para ele: “Não vivemos em apenas um mundo, mas entre dois mundos pelo menos. O primeiro está inundado de luz e o segundo atravessado por lampejos” (DIDI- HUBERMANN, 2011, p. 10).

Nasce daí a metáfora dos vaga-lumes, que devem, sobrevoando e adentrando, ora a luz, ora a escuridão das questões humanas, elaborar e propor reflexões para compor uma comunidade do desejo, de pensamentos a transmitir - artistas, intelectuais e nesse caso professores e alunos. O ato crítico da escrita deste trabalho, assume então o espaço *entre*, que reconhece a pluralidade das possíveis abordagens em relação à teoria literária e tenta organizar um diálogo mais próximo e sucinto entre as várias formas que a linguagem se constitui como conhecimento, dentre elas o cinema.

Foi explicitado aqui as razões pelas quais o cinema pode ser considerado uma forma de linguagem e sua tradução pode ser aceita

¹ DIDI-HUBERMAN, George é filósofo e historiador italiano, professor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. Suas obras abordam, sob perspectivas teóricas contemporâneas, a história e crítica da arte e da imagem.

no ensino da literatura. Detemo-nos a teorias que comprovaram tais fatos, mostrando as discussões acerca da importância do tradutor desde a antiguidade.

É de grande importância reconhecermos a maneira como a tradução cinematográfica, ou o cinema, por meio da produção de sentido e da capacidade de comunicar essa, faz o uso de seus próprios recursos visuais e cinematográficos, lendo e divulgando a obra que representa, constituindo-se assim como uma obra também original.

Acerca dessas discussões, a professora e crítica literária Eneida Maria de Souza em seu ensaio “Teorizar é metaforizar” esclarece que o lugar da teoria no meio acadêmico continua como sempre esteve: paradoxal, combativo, ousado, vanguardista e aberto a transformações. O que haveria mudado é o lugar, tanto da literatura quanto da teoria, que agora já não ocupam a posição hegemônica que lhes fora atribuída nos últimos séculos. Mesmo destituídas de seus espaços de prestígio ambas preservam seu compromisso contestativo:

O estatuto paradoxal da teoria - e da literatura - investe-se contra o raciocínio binário e exclusivo das definições, dilui a separação entre polos considerados distintos, como ficção e teoria, arte e ciência, obra e vida, com vistas a redimensioná-los e repensá-los. A proposta teórica defendida por grande parte de estudiosos não se restringe a escolher um objeto único mas se dispersa em outros de igual importância para o estabelecimento de redes comparativas e interdisciplinares. Na seleção de práticas discursivas, vale o entrecruzamento de textos que acrescentam a compreensão mútua seja pela diversidade, seja pela semelhança. O gesto de teorizar alimenta-se de outros, como o de ficcionalizar, vivenciar e metaforizar (SOUZA, 2016, p. 218.)

Após a afirmação contundente sobre os objetivos da teoria enquanto disciplina, a autora considera que a teoria da literatura continua a desenvolver e disseminar o arcabouço teórico e crítico, estabelecendo o diálogo com as várias possibilidades de linguagem literária e ensino, por meio dos estudos de teóricos como Giorgio Agamben, Georges Didi-Huberman, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Derrida, Gayatri Spivak entre outros. “Seria ingênuo apregoar, nos dias atuais, a diversidade teórica como fator negativo de sua

prática, pois é graça a essa heterogeneidade de ideias e pontos de vista que os diferentes perfis acadêmicos são capazes de dialogar em regime de igualdade com seus pares” (SOUZA, 2016, p. 219.)

A capacidade narratológica do texto fílmico pode ser analisada também na linguística, no contexto de sala de aula, e nas leituras do alunado, muitas são as diversidades que a literatura encontra no contexto atual, a tradução de clássicos em filmes, vem para auxiliar no ensino da mesma, para criar outras formas de referências e outras leituras sob o mundo, “uma vez que os estudos literários passam a inscrever-se na esfera da cultura, marcada justamente pela confluência de áreas diversas do saber” (COUTINHO, 2011, p. 24).

Assim, considerando o trabalho do tradutor, o contexto da tradução fílmica, chegamos a seguinte afirmação de Levefere “[...] reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada” (LEFEVERE, 2007, p. 11).

O ensino do texto literário é imprescindível para que haja alunos mais críticos na sociedade, este artigo pretendeu discutir uma de suas variadas formas de representação, ao que se trata do mundo do cinema, os tempos mudam e as referências precisam acompanhar as mudanças, na era atual o cinema é uma das ferramentas mais importantes no processo cultural, não restam dúvidas de que ela pode ser considerada uma linguagem muito utilizada no meio social e na produção de sentido e conhecimento.

Referências

METZ, Christian. **Linguagem e cinema** [1971]. Tradução de Marilda Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1980.

WOLLEN, Peter. **Signos e significação no cinema**. Tradução de Salvato Tales de Menezes. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

BLUESTONE, George. **Novels into film: the metamorphosis of fiction into cinema** [1957]. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 2003.

COUTINHO, Eduardo. Literatura comparada e interdisciplinaridade. In: CUNHA, João Manuel dos Santos et al. (Org.) **Literatura: crítica comparada**. Pelotas: EDUFPeL, 2011.

CUNHA, João Manuel Dos Santos. Da Literatura ao cinema, traduzindo sobre restos de linguagens. **Revista Brasileira de Literatura Comparada** (ABRALIC), v. 23, p. 79-93, 2013. Disponível em: <<http://abralic.org.br/revista-abralic/edicoes/detalhe/?id=24>>. Acesso em: 25 jan. 217.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Companhia da Letras: São Paulo, 1997.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**, São Paulo: Parábola editorial, 2009

PCN – **Orientações curriculares para o ensino médio – linguagens, códigos e suas tecnologias**. VI. MEC: Brasília, 2006.

MENDONÇA, M. **Análise Linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto**. São Paulo. Parábola Editorial, 2006

PASOLINI, Pier Paolo. O cinema de poesia [1965]. In: PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo herege**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Assírio & Alvim, 1982.

DINIZ, Thais Flores Nogueira. **Literatura e Cinema: da semiótica a tradução cultural**. Ouro Preto: Editora UFOP, 1999.

NASCIMENTO, Evando. A tradução incomparável. In: WEINHARDT, Marilene et al (Org). **Ética e Estética nos estudos literários**. Curitiba: Editora UFPR, 2013. p. 71-99.

LEFEVERE, A. **Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama**. Tradução de Cláudia Matos Seligman. Bauru: Edusc, 2007.

EISENSTEIN, Serguei. **Memórias imorais: uma autobiografia** [1983]. MARSHALL; Herbert. Tradução de Carlos Eugênio Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CECHINEL, André. **O lugar da teoria literária**. Florianópolis: EdUFSC; Criciúma: Ediunesc, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo, 1973.

Recebido em: 23/09/2019

Aceito em: 16/11/2019